

Aureliano perde apoio em Santa Catarina, no Paraná e até na Bahia

Tadeu Afonso e
Christiane Samarco

BRASÍLIA — "Quando é que Aureliano vai sair desse *Bateau Mouche*?" A pergunta do deputado Cleonânio Fonseca (PFL-SE), feita ontem à tarde na liderança do PFL na Câmara, ficou alguns instantes no ar até que se desmanchou em gargalhadas. O candidato pefelista à Presidência encontrou ontem mais duas pedras em seu sofrido caminho rumo ao Planalto. No final da tarde, num encontro no 26º andar do Anexo I do Congresso, o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) informou a Aureliano que o partido em Santa Catarina não vai apoiá-lo em hipótese alguma, preferindo marchar com outras candidaturas, entre elas, as do senador Mário Covas (PSDB), do deputado Afif Domingos (PL) e até mesmo do ex-governador Collor de Mello (PRN). Bornhausen admitiu até apoiar o senador Affonso Camargo, que disputa a indicação pelo PTB e, até agora, não apareceu nas pesquisas de opinião pública.

Até sexta-feira, Aureliano ouvirá coisa semelhante do senador Carlos Chiarelli, que lidera os rebeldes do Rio Grande do Sul. E também o presidente do Diretório Regional do Paraná, deputado Alcení Guerra, vai garantir ao candidato: não fica com ele. Alcení acusa Aureliano de inapetência para mexer na estrutura do Estado e de falta de habilidade política. Para o deputado, as principais lideranças políticas paranaenses já definiram o rumo depois que o banqueiro José Eduardo Vieira e os ex-governadores João Elísio e Jayme Canet decidiram apoiar a candidatura do ex-governador Collor de Mello. Mesmo assim, o parlamentar ainda admite que o ex-governador Leonel Brizola e o senador Mário Covas possam recolher alguns náufragos do PFL do Paraná.

Naufrágio — Como se isso não bastasse, Aureliano viu também naufragarem, na noite de anteontem, as derradeiras esperanças de uma coligação com o PTB. Num encontro que teve com o presidente nacional desse partido, Paiva Muniz, Aureliano ouviu uma cuidadosa dissecação, estado por estado, da situação do PTB. Segundo Paiva, a coligação seria política e matematicamente impossível, já que os seguidores da candidatura própria do senador Affonso Camargo e os últimos sobreviventes do sonho de uma coligação com Leonel Brizola votariam contra. Esses mesmos argumentos já haviam sido apresentados a Aureliano, semanas atrás, pelo próprio Affonso Camargo.

Todos esses revezes, segundo parlamentares ligados ao ex-ministro, tornaram o candidato um homem amargurado estes últimos dias. Aureliano não se conforma de ter sido procurado em sua casa de Belo Horizonte, quando não procurava a candidatura, para ser lançado na disputa pelo Planalto e, logo depois, ter sido abandonado pelos companheiros.

Exemplificando a dura situação do partido e do candidato, um pefelista baiano admitiu ontem que o candidato está sem bases nos estados, onde os governadores, em sua maciça maioria, não pertencem ao PFL. E nas capitais, o partido só elegeu os prefeitos de João Pessoa e Maceió. Nos pequenos municípios, é grande a tendência para adesão ao ex-governador Collor de Mello.

Esse parlamentar baiano lembrou a situação do seu estado. Ali, os seguidores do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que dominam o partido, ainda não se recuperaram das derrotas para o PMDB em 86, quando perderam o governo estadual para Waldir Pires, e em 88, quando Fernando José ganhou a Prefeitura de Salvador. Segundo o pefelista, os *carlistas* não querem sofrer uma nova catástrofe eleitoral em 89, que enfraqueceria suas chances de recuperarem o governo estadual nas eleições de 1990.